

# ***ESTILOS DE PENSAMENTO SOBRE NATUREZA: UM ESTUDO COM LICENCIANDOS EM EDUCAÇÃO DO CAMPO***

## **THOUGHTS OF THINKING ABOUT NATURE: A STUDY WITH LICENSING IN FIELD EDUCATION**

**Márcia Maria Martins Parreiras**

Doutoranda da Faculdade de Educação / UFMG  
marciaparreiras@yahoo.com.br

**Francisco Ângelo Coutinho**

Professor da Faculdade de Educação / UFMG  
fac01@terra.com.br

### **Resumo**

Este ensaio é parte de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, cujo objetivo é identificar os *estilos de pensamento* sobre natureza presentes em licenciandos em Educação do Campo, área Ciências da Vida e da Natureza, com vistas a contribuir para discussões sobre formação docente. Apresenta-se uma análise preliminar de dados, obtidos via questionário e grupo focal, de um dos quatro grupos formados, constituído por seis participantes e organizado conforme inserção em *coletivos de pensamento* similares: são egressos de escolas “do campo”; possuem militância em movimentos sociais e, ainda, são filhos de pais lavradores. Em linhas gerais, identificaram-se cinco *estilos de pensamento* distintos, sendo que alguns parecem derivar de influências diretas desses *coletivos de pensamento* e, conseqüentemente, sinalizando para a necessidade de uma articulação mais próxima da academia com tais *coletivos*, a fim de desenvolver processos educacionais de caráter cada vez mais intercultural, em convergência com a especificidade desse público.

**Palavras chave:** natureza, estilo de pensamento, educação do campo, formação docente.

### **Abstract**

This essay is part of a doctoral research in development, whose objective is to identify the *styles of thinking* about nature present in graduates in Field Education, Sciences of Life and Nature, with the aim of contributing to discussions about teacher education. We present a preliminary analysis of data, obtained through a questionnaire and a focus group, of one of the four groups formed, consisting of six participants and organized according to insertion in similar groups of *collective thought*, being: They are graduates of "rural" schools; have militancy in social movements and, still, are children of farmers parents. In general terms, five different *styles of thinking* have been identified, some of which seem to derive from direct influences of the *collective of thought* and, consequently, signaling the need for a closer articulation of the academy with these *collectives* in order to develop educational processes of an increasingly intercultural character, in convergence with the specificity of this public.

**Key words:** Nature, thinking style, field education, teacher training.

## EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O conceito “educação do campo” emergiu em 1990 enquanto produto de lutas sociais dos trabalhadores do campo, os quais reivindicavam um termo que melhor definisse o trabalho camponês e suas demandas. Na esteira dessa conquista, celebraram-se parcerias importantes, dentre elas, com as universidades, o que culminou, a partir de 2009, com a institucionalização do curso de Licenciatura em Educação do Campo em mais de vinte unidades no país.

No que se refere propriamente às pesquisas sobre formação de professores do campo, Ângelo (2013) destaca que a quantidade de trabalhos vem aumentando, contudo, sinaliza que ainda há grande demanda por mais conhecimentos sobre a área, já que se constituiu em um processo educativo recente no contexto brasileiro.

Assim sendo, consideramos que a problematização do conceito de natureza junto às Licenciaturas em Educação do Campo constitui-se em exercício importante, sobretudo por passar toda construção conceitual da área de Ciências da Vida e da Natureza.

Além disso, considera-se que tal investigação poderá trazer elementos para o melhor desenvolvimento de uma formação docente sob uma perspectiva intercultural, na medida em que auxiliará para que venham à tona conhecimentos “outros”, especificamente, aqueles afetos às cosmovisões camponesas sobre o conceito de natureza, bem como, as relações dessas com seus modos de existência.

### “NATUREZA” E CONCEITOS FLECKIANOS

O termo “natureza” é bastante polissêmico. Neste trabalho, em convergência com Whiteside (2002), compreendemos natureza sob um enfoque *não-centrado*, ou seja, compreende-se que natureza e sociedade não são *a priori* e nem estão em oposição, *centrados* em extremos. Ao contrário disso,

o que "natureza" é está relacionado com deslocamentos, mudanças epistemológicas, sociais, políticas e éticas. (...) "natureza" [é] (...) multiforme e inextricavelmente confundida com projetos e autoentendimentos de humanidade. (...) o significado de ser humano está amarrado às nossas construções de "natureza". (WHITESIDE, 2002:3)

Ainda, no que diz respeito aos termos “ambiente” e “meio ambiente”, estes aqui são considerados como sinônimos de “natureza”. E isso porque, embora alguns teóricos, sobretudo Whitehead (1993 apud RIBEIRO e CAVASSAN, 2013:63-64) tenha proposto que coexistem duas naturezas: a *natureza pensada*, compreendida como “ambiente”; e a *natureza real*, essa sim “natureza”, referindo-se a algo independente do ser humano; e também que Art (1998) tenha definido “meio ambiente” como um “... conjunto de condições que envolvem e sustentam os seres vivos na biosfera, (...) abrangendo elementos do clima, solo, água e de organismos”, avaliamos que tais fragmentações conceituais são incompatíveis com a perspectiva *não-centrada* aqui assumida.

E isso porque, pelo caminho *não-centrado*, “natureza” consiste tanto de uma existência *causal*, abrangendo o mundo vivo e o não vivo, incluindo o ser humano; quanto diz respeito àquilo que é *pensado*, via processos sociológicos de construção do conhecimento. Portanto,

tal “natureza” é tanto a soma de tudo que existe, e, ao mesmo tempo, um lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais reciprocamente – e não paralelamente – estabelecem-se, por meio de processos coevolutivos.

Tal entendimento *não-centrado* de problematização recíproca natureza/sociedade, contrário à concepção de fragmentação sujeito/objeto, dialoga diretamente com os pressupostos do médico judeu-polonês Ludwik Fleck (1896-1961), sobretudo, com seus conceitos de *estilo de pensamento* e de *coletivo de pensamento*.

L. Fleck considera, a partir dos conceitos de *estilo de pensamento* (EP) e *coletivo de pensamento* (CP), que não existe uma realidade *a priori*; advoga, ao contrário disso, que é a tradição, a experiência e o processo de ensino no qual as pessoas são inseridas e pelos quais passam dinâmicas sócio-históricas e psicológicas, os verdadeiros responsáveis por suas elaborações sobre o que é o “natural” e sobre o que é o “social”.

Especificamente sobre o conceito de EP, Fleck explica-o a partir de uma referência aos manuais científicos. Segundo ele, estes manuais possuem em seu conteúdo

[...] preceitos gerais junto aos ensinamentos concretos [...], [de modo que] tais preceitos formam o *estilo de pensamento* do coletivo de sorologistas, determinando a orientação da investigação e conectando-a com uma tradição específica. É completamente natural que esses preceitos estejam sujeitos a constantes trocas. (FLECK, 1986a: 110).

E ainda, sobre o EP, Fleck afirma que “*O ver formativo [...] direto exige estar experimentado no específico campo do pensamento ao qual está se tratando.*” (FLECK, 1986a: 138-139).

Desse modo, pode-se dizer que o EP corresponde a uma orientação específica para a investigação, se constituindo dos pressupostos de um determinado campo, os quais, por sua vez, conectam as práticas à tradição correspondente. Além disso, verificam-se nos fragmentos apresentados que o EP possui um caráter transitório e, ainda, que tem um vínculo direto com a experiência, de modo que é somente mediante ela que se torna possível a introdução e o amadurecimento em um EP.

Quanto ao *coletivo de pensamento*, este se encontra diretamente relacionado ao termo anterior, na medida em que se configura na “*unidade social do estilo de pensamento*” (FLECK, 1986a: 90). Os CP são compostos por indivíduos que compartilham os mesmos pressupostos e, assim, as mesmas leituras e práticas sobre o mundo.

Fleck explicita com esse termo a ideia de que o conhecimento é construído por um CP e não por indivíduos isolados, de modo que o que pensamos e como vemos depende dos CP aos quais pertencemos. E isso porque, ao participarmos de um CP, somos iniciados a seus pressupostos, submetidos aos rituais de coerção de pensamento desse *coletivo*. Como consequência, nenhum olhar é isento de pressupostos.

Dessa forma, o modo de olhar e ver do *coletivo*, isto é, o EP, é criado “*pelo meio, costumes linguísticos, opinião do público geral, tradição*” (FLECK, 1986b: 137). Isso significa que, para Fleck, durante a convivência em um específico meio sociocultural, com experiências singulares proporcionadas pelas relações ali desenvolvidas, é que os sujeitos elaboram determinado EP.

No caso do presente estudo, supomos que a inserção dos participantes dessa pesquisa em CP específicos, tais como os representados pelas escolas do campo, movimentos sociais e famílias lavradoras, contribuem para a elaboração de EP singulares sobre “natureza”, os quais poderão colaborar para pensar a proposição de novos caminhos para os processos de formação docente e intercultural junto a esse público.

A seguir apresentaremos alguns EP sobre natureza, elaborados ao longo da história ocidental, a fim de utilizá-los como referência para a presente análise.

## **OS DIFERENTES ESTILOS DE PENSAMENTO SOBRE NATUREZA**

Há várias possibilidades de periodização para o estudo histórico da ideia de natureza. Para fins deste ensaio propomos uma divisão em quatro fases, sendo: (1) Grega; (2) Medieval; (3) Moderna e (4) Contemporânea. Todos esses períodos, devido aos diversos CP que neles se desenvolveram, possuíram múltiplos EP sobre natureza. Contudo, nosso esforço será o de delinear elementos que parecem ter se constituído enquanto características marcantes de cada uma dessas fases.

Iniciando pelo *estilo de pensamento* Grego (VI a.C - IV d.C), pode-se dizer que esse se caracterizou por um entendimento de “natureza” como sendo algo permeado por uma ordem/mente, a qual representaria sua fonte de regularidade. Além disso, “natureza”, para os Antigos, era o mundo do movimento incessante e regular, um mundo vivo, cujas mudanças eram cíclicas e não progressivas, isto é, levavam sempre a algo novo, mas sem necessariamente implicar melhora. (COLLINGWOOD, 1945)

O segundo *estilo de pensamento* sobre natureza é o Medieval (V - XV d.C). Nesta fase, devido à influência das ideias cristãs sistematizadas pelos patrísticos e escolásticos, “natureza” passou a ser compreendida como algo criado de modo absoluto, por um Deus único, possuindo, portanto, caráter teleológico e sendo reflexo da própria mente de seu criador, que a ela regia. Aqui, o ser humano, inspirado nos atributos desse Deus, deveria dominá-la e conhece-la, uma vez que se conhece a Deus por intermédio de Sua obra.

O terceiro *estilo de pensamento* refere-se ao período Moderno (XVII-XIX). Nessa fase emergiu, inicialmente, um EP marcado principalmente pela transição de uma ideia orgânica de natureza para uma mecânica, a qual assumia natureza como sendo material, inerte, mensurável, infinita, desprovida de caráter teleológico e considerada objeto de domínio do ser humano para a promoção de seu bem estar. Nesse sentido natureza era distinta, externa ao ser humano.

Ainda na Modernidade, com o advento da Revolução Industrial e do Capitalismo, “natureza” foi reduzida a um patamar ainda maior de subordinação devido principalmente ao tripé do sistema capitalista: expropriação-apropriação-mercadorização. Assim, o entendimento de natureza passou a ser “recurso natural”, “mercadoria” (AGUIAR e BASTOS, 2012)

O EP Moderno de natureza consolidou a ruptura sociedade/natureza, o que culminou, com o passar do tempo, na chamada crise ambiental. Tal crise gerou *complicações* no EP Moderno e tem promovido, na Contemporaneidade (XX-XXI), a emergência de outros *estilos*, sendo, por um lado, os chamados, segundo Whiteside (2002), de *centrados*, representados pelo antropocentrismo (que advoga ser o valor da natureza apenas instrumental) e pelo

ecocentrismo (que afirma que a natureza tem um valor intrínseco); por outro lado, os denominados *não-centrados*, que concebem natureza/sociedade enquanto conceituados reciprocamente, assumindo como equivocados os entendimentos baseados na ética, que buscam atribuir peso de valor ora à natureza, ora ao ser humano.

Assim, como a própria terminologia sinaliza os dois primeiros EP têm sido marcados pelo pressuposto *centrado*, que concebe a conceituação de natureza enquanto separada da noção de sociedade, compreendendo-a como uma entidade a-histórica, constituída por não-humanos, ontologicamente fixa e, por essa razão, necessariamente dependente de descrições científicas de entidades naturais.

O segundo grupo, por sua vez, tem delineado entendimentos *não-centrados* sobre natureza/sociedade, vislumbrando a superação da polarização objeto/sujeito. No que se refere ao EP *não-centrado*, ele nega “a retórica que reifica a natureza, moldando um programa de conteúdo que é tanto ‘social’ quanto ‘natural’”. (WHITESIDE, 2002:3)

Dentre os autores *não-centrados* destacam-se, Serge Moscovici, para quem “natureza” é “homem com matéria” – diz-se que ele “humaniza” a natureza, isto é, para ele a identidade da natureza está relacionada com processos sociais e científicos. Além disso, considera-a como contingente, isto é, criada pelos diferentes grupos sociais ao longo dos processos de trabalho e produção de tecnologia e, finalmente, como marcada por coevolução com a humanidade.

O segundo teórico *não-centrado* que destacamos é Edgar Morin, com sua perspectiva sistêmica, que concebe “natureza” como um sistema complexo de interações, pressupondo que há uma “unidade dos mecanismos fundamentais da natureza, homem e sociedade”. (WHITESIDE, 2002:79).

Assim, natureza seria um sistema holístico, integrado, complexo e dinâmico, dotado de homeostase, dependente de leis termodinâmicas e constituída por ecossistemas e comunidades.

Por último, para fins desse trabalho destacamos Alain Lipietz, teórico *não-centrado* que, inspirado no socialismo, interpreta natureza como um recurso finito, voltado para as necessidades humanas (e não para a acumulação) e relativizada conforme os diferentes grupos sociais. Este é denominado aqui como o EP *não-centrado* Socialista.

## **METODOLOGIA**

Tendo em vista os objetivos do presente ensaio, realizou-se a análise dos registros produzidos em questionário, bem como, das falas expressas durante um grupo focal, composto por seis graduandos do curso de Licenciatura em Ciências da Vida e da Natureza, na modalidade Educação do Campo, de uma Universidade Federal, durante o segundo semestre do ano de 2016.

O grupo analisado constituiu-se de três mulheres e três homens, que exercem/exerceram participação ativa em movimentos sociais voltados às causas camponesas; são filhos/as de pais e/ou mães lavradores/as e ex-estudantes de Escolas Família Agrícola e/ou de escolas da Educação Básica que, em suas perspectivas, valorizavam a cultura do camponês. No que se refere ao local de residência, todos moram em regiões classificadas como zona rural em municípios localizados dentro do estado de Minas Gerais.

No que diz respeito ao questionário, a pergunta em análise foi a seguinte: “Considere a afirmativa a seguir: ‘Campo e cidade, ambos estão repletos de natureza’. Concernente a essa afirmação, você: ( ) concorda completamente, ( ) concorda mais do que discorda, ( ) discorda mais do que concorda, ( ) Não concorda. Justifique seu ponto de vista”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando pelas respostas obtidas no questionário, um participante marcou a opção “concorda plenamente”, justificando da seguinte forma:

*“Ambientes naturais podem ser encontrados tanto na cidade como no campo, porém com mais abundância no campo”.* (estudante D – grifo dos autores do artigo)

O estudante D demonstra relacionar a ideia de natureza com a de “ambiente natural”. Em linhas gerais, parece haver indícios de traços do EP Moderno, na medida em que sugere reconhecer como sendo natureza somente aquilo que está vinculado aos não-humanos e que seja natural, ou seja, tudo o que é distinto do artificial e do ser humano.

Um segundo participante marcou a opção “discorda mais do que concorda”, registrando como justificativa:

*“Bom, nos tempos atuais fica difícil dizer que campo e cidade estão repletos de natureza, porque a naturalidade de quase todas as coisas foi rompida ou interferida. Mas se olharmos do ponto de vista da exploração, vemos que campo e cidade estão repletos do que é da natureza de forma alterada ou modificada”.* (estudante L – grifo dos autores do artigo)

No caso desse participante L, parece haver traços de um EP Grego, ao sugerir o entendimento de que natureza refere-se a algo que possui uma ordem em si mesmo, sendo essa ordem prejudicada em ambos os espaços, ao afirmar que “a naturalidade de quase todas as coisas foi rompida ou interferida”. Ao mesmo tempo, esta fala possibilita inferir a existência de uma crítica ao EP Moderno de natureza, que a concebe como objeto de domínio do ser humano. Sobretudo, vislumbra-se essa crítica mais direcionada à percepção de natureza apenas enquanto recurso natural, mercadoria, a partir da expressão “mas se olharmos do ponto de vista da exploração”.

Dois dos participantes não responderam a essa questão enquanto que os dois últimos marcaram a opção “concorda mais do que discorda”, registrando como justificativa, o primeiro deles, que:

*“não só estão repletos de natureza, mas são a própria natureza”.* (estudante S)

Na fala do estudante S, parece haver traços de um EP contemporâneo *não-centrado*, próxima à ideia proposta por Moscovici, que considera ser a natureza criada pelos diferentes grupos sociais ao longo dos processos de trabalho e produção de tecnologia. Desse modo, tanto cidade quanto o campo “são a própria natureza” justamente pelo fato de ela não ser algo *a priori*, mas relacionada aos processos sociais e científicos desenvolvidos por cada agrupamento social, no caso, seja pelos cidadãos, seja pelos camponeses.

Já o segundo participante apresentou a seguinte explicação para sua escolha:

*“Natureza é tudo o que está a nossa volta (é natural). Por mais que tenha muitas coisas artificiais na cidade e que ela não seja repleta de árvores e pássaros, há nela ainda muita coisa natural.”* (estudante L)

Nesse caso, observa-se também traços do EP Moderno, que parece conceber natureza como relativo ao não-humano e oposto à aquilo que seja artificial. Portanto, concebe natureza como distinta e separada do ser humano e, ainda como *a priori*.

Em linhas gerais, as respostas obtidas nos questionários convergem às falas manifestadas no grupo focal (GF), especificamente quanto à crítica ao EP Moderno e ao capitalismo que se desenvolveu na modernidade, sobretudo, relativo a seu processo de expropriação-apropriação-mercadorização. Tal traço é perceptível na afirmação: *“Quando a gente se insere em algum movimento, a gente aprende (...) Vai analisar o fato que ocorreu na comunidade, por exemplo, o eucalipto lá que tirou o pessoal das suas terras... (...) é, a gente começa entender melhor o sistema que acaba que por sugar os direitos da gente”* (estudante W - GF)

E ainda, quando outra estudante expressa *“Eu aprendi com meu pai (...) lá na época que vivia praticamente da agricultura, a gente não comprava quase nada. (...) A gente mesmo que produzia (...). Então o que eu penso assim, que (...) o que que a gente tem que saber, o que a gente precisa para viver. Porque eu acho que hoje o que não é avaliado muito é isso, né. E aí virou o consumismo e virou esse mundo afunilando cada vez mais, é, se tornando difícil.* (estudante L - GF).

Nesse último fragmento pode-se dizer que há traços também do EP *não-centrado* Socialista, na medida em que parece conceber natureza como finita e voltada para as necessidades, não para a acumulação.

Além do EP acima referido, outro EP identificado no GF, mas que não esteve presente no questionário, foi o EP *não-centrado* Sistêmico, identificado no fragmento: *“Primeiro para a gente pensar em natureza, não tem que pensar em natureza. Primeiro a gente tem que se pensar parte dela (...).”* (estudante W - GF).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais a análise do questionário e do grupo focal realizado trouxe à tona a presença de pelo menos cinco *estilos de pensamento* distintos junto aos estudantes camponeses participantes dos *coletivos de pensamento* representados pelas escolas do campo, movimentos sociais e famílias de lavradores.

Houve um posicionamento de convergência para as ideias afetas aos EP contemporâneos *não-centrados* das vertentes Humanista, Socialista e Sistêmica, com indícios de que tais tendências parecem derivar de influências dos *coletivos de pensamento* representados pelas famílias camponesas e movimentos sociais nos quais esses estudantes estão inseridos.

Identificaram-se também traços do EP Grego, porém, de modo pouco representativo. Por fim, verificou-se a presença de críticas incisivas ao EP Moderno, sobretudo, direcionado às

práticas capitalistas que vêm ao longo do tempo expropriando os trabalhadores de seus meios de trabalho, especificamente quanto aos camponeses, de suas terras de cultivo.

Diante desses resultados parece vir à tona uma especificidade dos povos camponeses que diz respeito a seu posicionamento contra-hegemônico, o qual sinaliza estar diretamente vinculado a seus modos de perceber e atuar/estar/ser natureza, apreendidos via inserção nos específicos *coletivos de pensamento* apresentados. Tais especificidades sugerem para a existência de conhecimentos e práticas singulares que convidam a universidade a um diálogo mais próximo, a fim de compreender, pela vivência, os processos de conformação desses específicos *estilos de pensamento*, bem como, sua responsabilidade no papel de empoderá-los, a fim de promover um processo de educação intercultural que de fato pressuponha comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade.

### **Agradecimentos e apoios**

Os autores são gratos à CAPES, pela bolsa de doutorado. O segundo autor é grato ao CNPq pela bolsa de produtividade em pesquisa.

### **Referências**

AGUIAR, J. V.; BASTOS, N. Uma reflexão teórica sobre as relações entre natureza e capitalismo. **R. Katál**. Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 84-94, jan./jun. 2012

ANGELO, A.A. O que é ser educador do campo: os sentidos construídos pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FaE/UFMG[manuscrito] / – 2013.150 f. Dissertação (mestrado) – UFSJ. Departamento de Ciências da Educação.

ART, W. H. Dicionário de ecologia e ciências ambientais. São Paulo: UNESP/Melhoramentos, 1998. 583p.

COLLINGWOOD, R.G. The Idea of Nature. 1949

FLECK, Ludwik. *La génesis y el desarrollo de un hecho científico: introducción a la teoría del estilo de pensamiento y del colectivo de pensamiento* [1935]. Trad. Luis Meana. Rev. Angel González de Pablo. Prólogo de Lothar Schäfer & Thomas Schnelle. Madrid: Alianza Editorial, 1986a. 200p. (Original alemão).

\_\_\_\_\_. “To look, to see, to know [1947]”. In: COHEN, R. S. & SCHNELLE, T. (Ed.). *Cognition and fact; materials on Ludwik Fleck*. New York: Kluwar Academic Publishers, 1986b. p.129-151. (Original polonês).

WHITEHEAD, Alfred North. **O conceito de Natureza**. Trad. Júlio B. Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1993, 236p. Apud: RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. Os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados. GÓNDOLA, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias. Volumen 8, número 2, julio-diciembre del 2013 p. 61-76.

WHITESIDE, K. H. Divided Natures: French Contributions to Political Ecology. The MIT Press, 2002.